

---

## Cultivando Cultura

Horta indígena no Rio de Janeiro

*Cultivating Culture: indigenous garden in Rio de Janeiro city*

**Camila Bevilaqua**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3532>

DOI: 10.4000/pontourbe.3532

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Refêrencia eletrónica**

Camila Bevilaqua, « Cultivando Cultura », *Ponto Urbe* [Online], 21 | 2017, posto online no dia 22 dezembro 2017, consultado o 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3532> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3532

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© NAU

---

# Cultivando Cultura

Horta indígena no Rio de Janeiro

*Cultivating Culture: indigenous garden in Rio de Janeiro city*

Camila Bevilaqua

---

## Apresentação

- 1 Realizei meu trabalho de campo durante o mestrado em Antropologia no Museu Nacional em 2016, acompanhando três indígenas que participaram de uma horta comunitária no Complexo do São Carlos, um conjunto de favelas no centro do Rio de Janeiro. Os três indígenas são Niara, filha de pais Cariri Xocó e Fulni-ô, Iracema, Pankararu e Dauá, Puri. Os três são moradores da Aldeia Vertical, um dos prédios do conjunto habitacional do governo Minha Casa, Minha Vida, que é somente habitado por indígenas, e fica bem em frente a horta do São Carlos.
- 2 Ao se inserirem na horta, buscaram transformá-la em um espaço de divulgação da cultura indígena. Para os três, a ideia de cultura está intimamente ligada ao aprendizado. Aprendizado esse que deve se dar de maneira prática, através do engajamento dos corpos com a terra e os alimentos. A horta pretende ser um espaço de contato dos não indígenas e de propagação da cultura indígena, que pode assim ser passada em frente. A produção dos alimentos ali está ligada, portanto, a uma preocupação com o futuro, em termos de proporcionar uma alimentação saudável e dar continuidade aos ensinamentos que aprenderam com seus parentes.
- 3 Segundo eles, é feito ali uma “mistureba” entre a cultura branca e indígena. Essa mistura envolve técnicas, ensinamentos, corpos e alimentos. Essa ideia de mistura e a maneira como os três elaboram sua indianidade no espaço urbano, ressoa com a proposta da contramestiçagem de Goldman (2015), que estudando coletivos afro-indígenas, chama atenção para a possibilidade de mistura como coexistência e não somente como síntese.
- 4 Sendo indígenas em um grande centro urbano, frequentemente sofrem discriminação de pessoas a estranhar a sua presença ali, imaginando que índios existem no passado ou na floresta somente, estranham o uso de celulares e até questionam se a sua indianidade é

autêntica. A resposta a situações de discriminação vem muitas vezes através do humor, mas também em uma busca por uma maior conscientização do que seria a cultura indígena, que eles sempre enfatizam ser complexa e diversa. Assim, a própria horta se pretende como esse espaço de ensinamento e esclarecimento, onde os não indígenas podem perceber o valor da cultura indígena e se utilizar dela no seu dia a dia.

- 5 O bairro do Estácio, onde a Aldeia Vertical está e que dá entrada para o morro do São Carlos, foi caracterizado por Simas (2016) como a encruzilhada carioca por excelência. Isso porque o bairro identificou-se, desde a época do Império, como um espaço de cruzamento de fluxos, de encontros entre escravos, judeus, imigrantes, prostitutas, ciganos, rufiões, estivadores do cais do porto. A encruzilhada nas religiões afro-brasileiras se caracterizaria como um espaço onde se encontram diferentes caminhos que seguem sem se fundir (Anjos 2006:21). É nesse bairro-encruzilhada, que se desenvolve o projeto da horta, buscando justamente dar continuidade a trocas e encontros.
- 6 As fotos buscam demonstrar o contraste entre esse espaço agrícola no meio do ambiente urbano, assim como o cotidiano das pessoas envolvidas no trabalho da horta.



Iracema capina a terra para preparar os canteiros.





Niara abre buracos no morro para plantar macaxeira. No alto, um morro com grafites e algumas casas do Complexo do São Carlos.



Iracema abre buracos com a enxada para plantar macaxeiras no alto do morro. Niara observa.



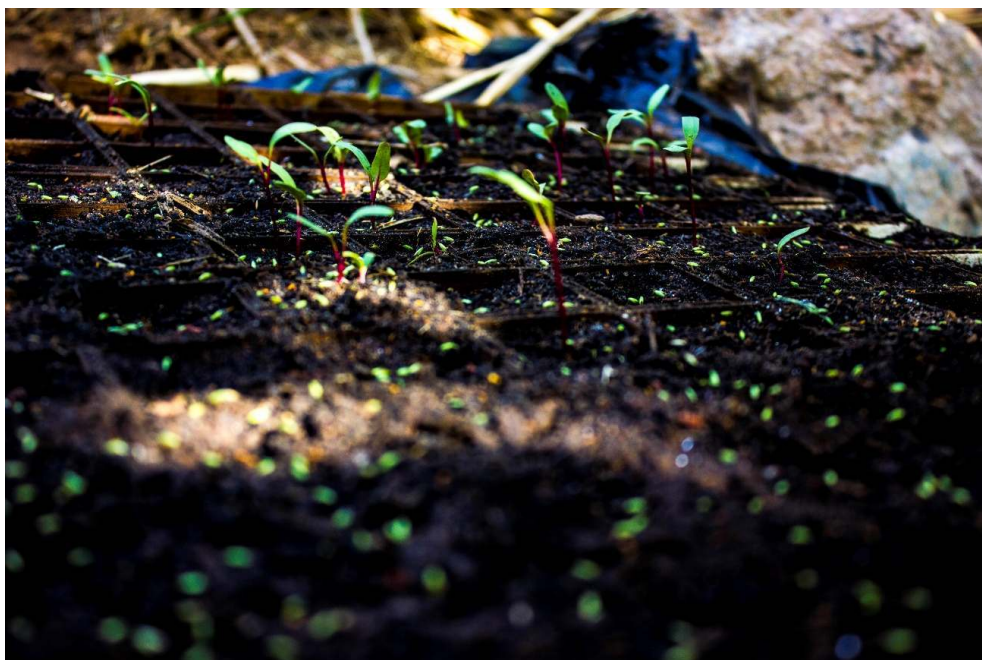


Niara sorri ao colocar as sementes de macaxeira na terra. Nos seus braços, grafismos indígenas.

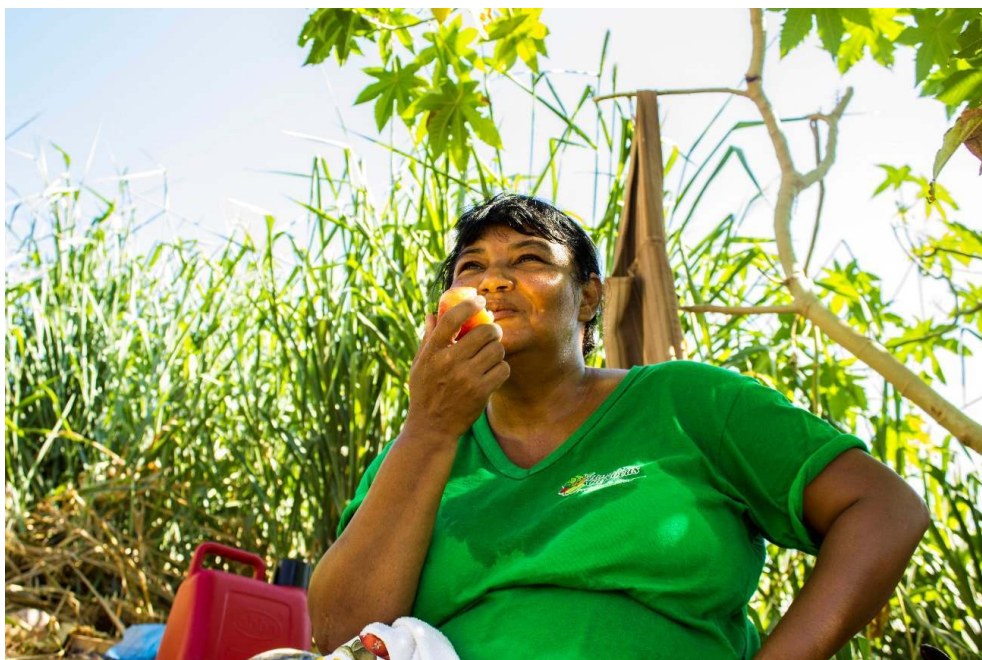


Quatro integrantes da horta conversam e riem, sentados para descansar à sombra de uma árvore.





Brotos de beterraba.



Iracema descansa comendo uma maçã, depois de um dia de trabalho na horta.



A horta comunitária do São Carlos, com os prédios do complexo habitacional Minha Casa, Minha Vida ao fundo. Ao longe, o morro de Santa Teresa e os prédios do centro da cidade.

---

## BIBLIOGRAFIA

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. *No Território da Linha Cruzada: A Cosmopolítica Afro-Brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

GOLDMAN, Marcio. 2015. ““Quinhentos Anos de Contato””: Por uma Teoria Etnográfica da (Contra)Mestiçagem”. *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social* 21 (3).

SIMAS, Luiz Antônio. Conversa sobre o Estácio. Rio de Janeiro, Casa Comum, 2016. (Comunicação oral)